

2. A história da Associação Beneficente Solidariedade Amor e Liberdade – ABSAL

2. 1. A Concepção

“Quanto mais o homem é rebelde e indócil, tanto mais é criador, apesar de em nossa sociedade se dizer que o rebelde é um ser inadaptado” Paulo Freire, (1979).

As ações, na Associação Beneficente Solidariedade Amor e Liberdade - ABSAL desde suas primeiras iniciativas estão apoiadas na linha da prevenção. A experiência de trabalho da assistente social e da estudante de Serviço Social com meninos de rua mostrava que as crianças iam para as ruas por não sentirem o apoio de seus familiares.

Ambas percebiam que as situações diárias de desemprego, subemprego, inúmeros problemas sociais e econômicos, vivenciadas pelos pais muitas vezes podem impedir que eles (os pais) demonstrem cuidados por seus filhos. Situações que fragilizam as relações afetivas entre adultos e crianças.

Neste sentido desde o início das atividades buscamos envolver as famílias nas ações da Associação. A organização das atividades não deveria afrontar o modo de vida daquelas a quem gostaríamos de voltar à atenção, pois, mais do que propor atividades basicamente escolares, acreditávamos que as atividades sócio-culturais deveriam valorizar a história das crianças, de suas famílias e também do entorno em que vivem, ou seja, do bairro de Vila Isabel.

Em relação aos familiares das crianças, recordo que quando realizamos a primeira reunião com elas fez-se uma dinâmica em que foram distribuídas folhas de papel e lápis de cor para que as mães e responsáveis presentes desenhasssem seus filhos e como imaginavam que deveria ser um lugar seguro para suas crianças.

Inicialmente, a dinâmica estava prevista para durar poucos minutos, no entanto, às presentes se envolveram tanto na atividade que esta se prolongou

durante todo o encontro. Percebíamos que estavam adorando a atividade. Cada uma desejando caprichar mais e mais no seu desenho, no colorido e nos pequenos detalhes. Ao fim perguntamos como se sentiram. Inicialmente de maneira tímida, mas aos poucos cada uma foi relatando as suas sensações detalhadamente.

Muitas falavam da infância simples e de não ter tido lápis de cor para levar à escola, outras falaram da dificuldade de colorir, outras ainda de não conseguir desenhar o filho tão bonito quanto era. De maneira geral, percebemos grande expectativa das presentes sobre conhecer a proposta da ABSAL e que desejavam um lugar especial para deixar suas crianças.

Já numa tentativa de privilegiar o diálogo entre familiares e equipe, fui deixando a conversa transcorrer de maneira espontânea, pois assim acreditava que íamos conhecer um pouco mais daquelas mães, saber um pouco mais de seus desejos, suas expectativas, suas histórias.

Então em abril de 2004 iniciamos o atendimento com crianças entre quatro e seis anos de idade e, no ano seguinte, devido à demanda, passamos a atender crianças a partir dos três anos de idade. Logo foram convidados para uma reunião os pais das crianças que costumavam brincar na rua próxima à Associação.

A equipe era formada por mim, Sonia Maria – Assistente Social e Lícia Regina – Educadora Social. Logo de início percebi que a Associação Beneficente Solidariedade Amor e Liberdade tinha uma relevante missão a cumprir. Sendo assim, eu e a equipe compreendemos que o atendimento diário a ser oferecido às crianças somente teria eficácia se fosse realizado em uma ação conjunta com a família.

Dessa maneira, a equipe acreditava que a ação da Associação realizada por palavras e atos podia nos inserir no cotidiano daquelas pessoas permitindo a revelação de suas singularidades num conjunto plural. O estar com elas poderia, no futuro, construir elos de solidariedade. Afinal a palavra Solidariedade não nomeia apenas a instituição, mas quer criar:

“Dependência mútua entre os homens. Sentimento que leva os homens a se auxiliarem mutuamente. Relação mútua entre coisas dependentes. Direito: compromisso pelo qual as pessoas se obrigam umas pelas outras¹.

¹ www.hostdime.com.br/dicionário

Condição do grupo que resulta da comunhão de atitudes e de sentimentos, de modo a constituir o grupo em apreço uma unidade sólida, mesmo de tornar-se ainda mais firme em face de oposição vinda de fora.²”

A pretensão era desenvolver um projeto comum que fosse preenchido pelo amor. Vale lembrar: “Amor = Ágape – Amor de Deus; Amor Fileo ou Filheio – Amor de ser humano³”

E mais ainda, que propiciasse a capacidade das pessoas começarem algo novo de forma livre. Para que desenvolvessem a Liberdade que é: “Faculdade de fazer ou de não fazer qualquer coisa, de escolher. Independência: conquistar a liberdade. Criar o Estado oposto ao do cativo ou prisão: pôr um prisioneiro em liberdade; dar liberdade a um escravo.⁴”

Enfim, provocar ações e discursos que levasse as mulheres, as crianças e os homens a se auxiliarem mutuamente, com um amor fraternal, mas, sobretudo – livre, independente, sem amarras sem controle, revelando o compromisso com o outro que vive num mundo desumanizado.

Segundo Freire (1979), “comprometer-se com a desumanização é assumi-la e, inexoravelmente, desumanizar-se também”.

Comprometer-se com um mundo que se humanizando, humaniza também, os homens, promovendo assim uma responsabilidade histórica.

“O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas ‘águas’ os homens verdadeiramente comprometidos ficam ‘molhados’, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. Ao experienciá-lo, num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se dizem neutros. A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso. Este medo quase que resulta de um ‘compromisso’ contra os homens, contra sua humanização, por parte dos que se dizem neutros” (1979:19).

² www.prof2000.pt/users/dicsoc.

³ www.dicionarioinformal.com.br

⁴ www.hostdime.com.br/dicionário

De acordo com o pensamento freiriano (1979), comprometer-se é ser também solidário. Não sendo neutro, mas sim, comprometido com o mundo, com a história, com os valores humanos.

“Esta é a razão pela qual o verdadeiro compromisso, que é sempre solidário, não pode reduzir-se jamais a gestos de falsa generosidade, nem tampouco ser um ato unilateral, do qual quem se compromete é o sujeito ativo do trabalho comprometido e aquele com quem se compromete a incidência de seu compromisso. Isto seria anular a essência do compromisso, que, sendo encontro dinâmico de homens solidários, ao alcançar aqueles com os quais alguém se compromete, volta destes para ele, abraçando a todos num único gesto amoroso (1979:19).”

A proposta freiriana se fazia presente em nossas expectativas e nas atividades desenvolvidas.

O estar comprometido com a luta diária daquelas pessoas e identificar-se com a luta delas tornou-se nosso mote. Esta foi a decisão que assumi e, isso é muito caro ao profissional de Serviço Social.

Leia-se mais uma vez Freire:

“Na medida em que o compromisso não pode ser um ato passivo, mas práxis – ação e reflexão sobre a realidade -, inserção nela, ele implica indubitavelmente um conhecimento da realidade. Se o compromisso só é válido quando está carregado de humanismo, este por sua vez, só é conseqüente quando está fundado cientificamente. Envoltos, portanto, no compromisso do profissional, seja ele quem for, esta exigência de seu constante aperfeiçoamento, de superação do especialismo, que não é o mesmo que especialidade. O profissional deve ir ampliando seus conhecimentos em torno do homem, de sua forma de estar sendo no mundo, substituindo por uma visão crítica a visão ingênua da realidade, deformada pelos especialismos estreitos” (1979:21).

Tinha clareza que valorizando a individualidade e o valor de cada membro da família, isto é, ouvindo pais, mães, avós tios e crianças de maneira aberta, não como detentora do saber acadêmico, mas como pessoa preocupada em conhecer a realidade vivida por elas e a partir de suas próprias trilhas caminhos novos de harmonia poderiam suceder.

Segundo Paulo Freire (1979), “somente é possível se comprometer, nos aproximando do ato comprometido”.

“É preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele. Saber que, se a forma pela qual está no mundo condiciona a sua consciência deste estar, é capaz, sem dúvida, de ter consciência condicionada. Quer dizer, é capaz de intencional sua consciência para a própria forma de estar sendo, que condiciona sua consciência de estar” (1979:16).

Inicialmente era necessário que a equipe tivesse consciência da posição de cada profissional enquanto assistente social e educador social, para aí, sim, a partir do trabalho conjunto, provocar as famílias ali presentes também para que se vissem como sujeitos, e se sentir comprometidas consigo mesmas, com seus filhos, com a equipe e com os outros.

A intenção era deixar claro que o espaço da ABSAL não era creche nem escola, a ação e o discurso na prática da educação estariam presentes na atuação. Não uma educação formal de prática bancária, isto é autoritária como ensinou Paulo Freire, mas uma educação livre e libertadora, portanto social.

A proposta ganhava, assim, contornos específicos o que fez com que me recordasse na minha formação de assistente social, do lugar próprio do exercício de serviço social, nos seus primórdios.

Nesse contexto foi pensado criar na ABSAL o projeto de um Centro, primeiro cultural, depois, eu e a assistente social Sonia Maria concordamos que diante das características que o trabalho tomava, o adequado seria um Centro Social. A educadora social Lícia Regina sugeriu o nome de Semear e Educar que foi prontamente aceito. Assim nasceu o Centro Social Semear e Educar – CSSE.

O CSSE abrange crianças de três a seis anos de idade, em dois turnos, manhã e tarde, desenvolvendo um projeto pedagógico próprio que atende as famílias numa perspectiva social, crítica e propositiva.

Logo de início decidi que as atividades com crianças se dariam de 2^a. a 5^a. feira. As sextas-feiras seriam reservadas para reuniões de equipe, reuniões com pais e responsáveis e atendimentos com familiares e demais ações que julgasse necessárias.

Mas antes de prosseguir com a descrição das ações do CSSE vou reatualizar a referência conceitual do Centro Social.

“A origem dos Centros Sociais ainda é matéria um pouco controvertida. Alguns autores (M. Rain, Odille Valin) atribuem à França a glória de sua criação. Teria sido segundo estes em 1871, criado pela ‘Union des Familles’ o primeiro deles.”
“Não sabemos até que ponto esta opinião é aceita, mas encontram-se mais freqüentemente os nomes do pastor protestante Samuel Barnet e de sua esposa Lady Harriet Barnet como os fundadores do primeiro Centro-Social, em 1884” (1977:04).

A história do Centro reporta-se ao Pastor Samuel Barnet, vigário da Paróquia de São Judas Tadeu, na Inglaterra, que impressionado com a miséria vivida pelos habitantes do local resolveu abrir as portas de sua residência para aquelas pessoas para debater com elas os problemas que os afligiam.

Além da miséria material os moradores da pequena aldeia também sofriam das conseqüências do alcoolismo e o analfabetismo. Aos poucos a residência dos Barnet tornou-se a sede onde os moradores se reuniam para discutir seus problemas e tentarem buscar caminhos para ultrapassá-los.

Como um dos problemas que afligiam a comunidade fosse o analfabetismo Barnet buscou auxílio entre os professores e alunos de Oxford e Cambridge, o convite teve tão boa acolhida que em poucos anos tiveram que arranjar uma casa maior. Ao longo dos anos puderam contar com auxílio de enfermeiras e médicos com isso Barnet conseguiu não somente melhorar a vida dos moradores locais como também aproximar as classes sociais.

Os resultados foram tão favoráveis que outros países logo seguiram o exemplo inglês. Em cada país os Centros Sociais tiveram características específicas de acordo com costumes e necessidades locais.

Na Inglaterra, o trabalho destinava-se basicamente a melhorar as condições de vida do proletariado.

Na França, tinha como objetivo principal a preservação da sociedade familiar.

Na América do Norte, os primeiros Centros tinham muitos universitários atuando. Conhecido como Hull House, sua fundadora a assistente social Jane Addams, o adaptou a vida americana, congregando universitários e quem mais desejasse trabalhar por melhorias sociais.

No Brasil, com os mesmos ideais dos Centros Sociais, destaca-se no Rio de Janeiro a Legião Brasileira de Assistência – LBA (1942), com atuação do Serviço Social. Em Minas Gerais, a iniciativa partiu do Serviço Social da Indústria - SESI, no ano de 1948. Em seguida surge o Serviço Social do Comércio – SESC, a Ação Social Arquidiocesana – ASA e outras mais no decorrer dos anos.

Em 1952 o Conselho Econômico e Social das Organizações das Nações Unidas - ONU após realizar uma pesquisa internacional entre os centros sociais divulgou a seguinte concepção:

“Entende-se por Centro Social uma organização que, com a colaboração dos freqüentadores, se esforça para resolver os problemas próprios da população de um bairro ou setor geográfico, pondo à sua livre disposição, em um local apropriado, um conjunto de serviços e realizações coletivas de caráter educativo, social ou sanitário, animado por um assistente social, responsável pelo andamento geral do Centro, que deve assegurar sua presença no local e, se possível, aí residir” (1977:06).

Segundo a definição acima o Assistente Social é o responsável pelo Centro Social não como dirigente, mas como animador, dando ao espaço um caráter de movimento constante. Destaca-se, ainda, o caráter educativo do local numa perspectiva constante de expressão e liberdade das pessoas incitando-as a serem sujeitos do processo de mudança que desejam protagonizar.

Os Centros Sociais possuíam características específicas, tais como: serem locais abertos sem distinção de idade, religião, profissão, classe social, raça ou ideal político. Terem ainda finalidade educativa procurando melhorar as condições morais e sociais dos freqüentadores. Fazendo do programa um meio e não um fim.

Centro Social deveria ser a “casa de todos”, atuando na melhoria das condições familiares e comunitárias (CBCISS nº 120/1977).

Esta digressão pareceu-me útil para dar melhor compreensão à exposição das atividades desenvolvidas pelo CSSE.

2.2. Centro Social Semear e Educar – As Ações

Quando iniciamos as atividades no CSSE, pensamos em atender crianças a partir dos 04 anos de idade, imaginávamos que estes usuários seriam nossa principal demanda. No entanto ao longo dos atendimentos um número expressivo de crianças na faixa etária de três anos era trazido à procura de atendimento.

A principal queixa era a dificuldade de suas mães em estabelecer regras e limites⁵. Sendo assim, resolvemos atender crianças a partir de três anos de idade trazidas por qualquer familiar dos arredores da Associação.

De acordo com Paulo Freire:

“O trabalhador social que opta pela mudança não vê nesta uma ameaça. Adere à mudança da estrutura social porque reconhece esta obviedade: que não pode ser trabalhador social se não for homem, se não for pessoa, e que a condição para ser pessoa é que os demais também o sejam. Ele está convencido de que se a declaração de que o homem é pessoa e como pessoa é livre não estiver associada a um esforço apaixonado e corajoso de transformação da realidade objetiva, na qual os homens se acham coisificados, então esta é uma afirmação que carece de sentido” (1979:51)

⁵ Segundo informação verbal das genitoras

As crianças atendidas na sua maioria são moradoras da localidade denominada Vila Operária que se situa nas imediações da instituição. Reconstituir a história desse conjunto de habitações possibilita retratar o aspecto sócio-cultural desse ambiente.

As 22 casas do trecho entre os números 206 e 230 da Rua Maxwell, além de outras seis, situadas no número 211 pertencem a Vila Operária.

A Vila Operária é considerada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Histórico da cidade.

A Vila foi construída em 1885 por ocasião da fundação da Companhia de Fiação e Tecida Confiança Industrial, para que os empregados da fábrica morassem perto do trabalho. A indústria ocupava grande área da Rua Maxwell e, além de moradia, oferecia escola para os filhos dos operários da fábrica e garantia emprego ao final do curso. Hoje, as instalações de Tecidos Confiança abrigam o supermercado Extra Boulevard da rede Pão de Açúcar e as casas permanecem habitadas, muitos dos atuais moradores têm parentes que foram operários da fábrica, mas essa é outra história.

A história da fábrica acompanhou o desenvolvimento do bairro. Vale recordar que durante muitos anos a fábrica foi movida por caldeiras abastecidas pelas águas do Rio Joana coletadas em um açude construído onde é, hoje, a Rua Artidoro da Costa. Em 1894, como a fábrica aumentava sua capacidade de produção, foi construído novo açude, maior do que o anterior, no local onde é hoje a Rua Piza e Almeida. Com o correr dos anos, a fábrica foi se modernizando, passando a trabalhar com energia elétrica.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Fábrica Confiança foi à única fornecedora de tecidos para a confecção dos uniformes das Forças Armadas do Brasil. Depois da guerra, um período de decadência surgiu e finalmente em 1964 a Fábrica Confiança cerrou suas portas, definitivamente frente à nova conjuntura econômica nacional e institucional.

Do patrimônio constituído no período de 85 anos restam as casas que serviram de moradia para os operários e diretores dessa época, permanecendo suas

construções, ao menos externamente em seu traço original, formando hoje a "Vila Operária Confiança".⁶

A história da Fábrica Confiança se funde com a história dos moradores da Vila Operária cuja maioria trabalhou ou tem familiares que trabalharam na fábrica. Por ser considerado Patrimônio Histórico e Artístico a Vila não pode sofrer alterações em sua estrutura arquitetônica. Alguns de seus moradores possuem documentação de posse e as casas são vendidas ou negociadas entre parentes e amigos de maneira não oficial. Dessa maneira não é raro encontrarmos várias gerações vivendo em uma única casa usando madeiras e móveis para fazer e refazer a divisões de cômodos.

O ambiente dessa forma é subdividido em novas peças, uma aglomeração de pessoas convivendo com pouca ou nenhuma privacidade entre si. Um único cômodo que era amplo é dividido muitas vezes entre quartos e salas, quarto de adulto (casal) quarto para crianças e idosos ou onde a única separação é a cama ou o colchão onde todos dormem.

Na Vila Operária, chamada por adultos e crianças de V.O., algumas casas foram ocupadas por outras famílias estranhas à fábrica. Segundo informação dos próprios moradores, a população local e funcionários da Prefeitura não se importaram, pois temiam que as casas fossem invadidas por marginais e virasse ponto de venda de drogas ilícitas (sic).

Os moradores antigos foram se unindo aos novos e, aos poucos, a Vila foi se modificando. Uma família traz outra de sua relação. A organização da Vila nos leva a lembrar a obra clássica de Aluísio de Azevedo, escrita em 1890, intitulada O Cortiço.

“Graças à abundância da água que lá havia, como em nenhuma outra parte, e graças ao muito espaço de que se dispunha no cortiço para estender a roupa, a concorrência às tinas não se fez esperar; acudiram lavadeiras de todos os pontos da cidade, entre elas algumas vindas de bem longe. E, mal vagava uma das casinhas, ou um quarto, um canto onde coubesse um colchão, surgia uma nuvem de pretendentes a disputá-los” (p. 41).

⁶ www.fundacaopaodeacucar.com

A re-criação da Vila Operária por novos moradores que não fizeram parte da história da Fábrica Confiança leva a pensar, por alguns instantes, na ausência de Políticas de Habitação que viabilizem moradias dignas para a população.

Prosseguindo com a observação desse conjunto de famílias da Vila foi possível perceber nos finais de semana, os moradores adultos costumam se unir para os churrascos já tradicionais regados com bebidas e música alta. As crianças são vistas até muito tarde, perambulando pelas ruas. Apesar de ter uma pracinha dentro da Vila, elas costumam estar fora desta, porque o parquinho da praça estava sempre cheio de mato, situação que veio se modificando, acredito por insistência das crianças em brincar no parquinho, mesmo não aparentando ser apropriado.

Nas visitas domiciliares realizadas nas casas de alguns familiares das crianças inscritas no CSSE da V.O., pude confirmar que o parquinho estava realmente tomado de lixo e mato, impossibilitado de ser freqüentado por qualquer pessoa. As famílias que possuem crianças pequenas afirmaram que gostariam que o espaço fosse mais bem conservado e aproveitado.

A Vila foi e vem crescendo, cada vez mais famílias vêm chegando para se juntar aos pais, irmãos, genros e noras. Isto significa não um crescimento arquitetônico, mas sim um aglomerado de pessoas vivendo no mesmo local. Em dias de sol, é possível ver grandes varais com roupas penduradas, e nos finais de semana mulheres e crianças sentadas na beira da calçada.

“E aquilo foi se constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o revérbero das claras barracas de algodão cru, armadas sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco” (Azevedo, 1890:54).

A situação retratada por Aluísio Azevedo, em 1890, se assemelha por demais ao vivido atualmente por aquelas famílias não apenas nos aspectos concretos, mas os conflitos de gerações que são visíveis no cotidiano dessas famílias. E necessitam de um olhar atento e, acima de tudo, comprometido dos gestores de políticas públicas que desejem realmente uma mudança social para esse segmento.

O convívio entre gerações pode ser perturbador para alguns de seus membros, a proximidade da convivência, o pouco espaço dos cômodos, a falta de privacidade entre adultos e crianças muitas vezes provocam situações conflitantes cabendo ao profissional que trabalha com essas famílias um olhar atento para ser capaz de retirar dela o que tem de melhor.

A proximidade entre a Vila e a sede do Centro Social favoreceu a uma boa convivência entre a instituição e a família a ponto de atualmente buscarem o Centro sempre que necessitam de algum auxílio ou informação.

A colaboração se dá nos esclarecimentos de dúvidas e informações na área de saúde, educação e direitos e também na mediação de conflitos familiares pelo acompanhamento profissional. Busca-se, à medida do possível, potencializar de maneira favorável a auto-estima de seus membros, visando proteger os membros mais frágeis como idosos e crianças que, em geral, são os mais prejudicados neste contexto.

Em relação a essas famílias, veja-se o que diz Vitale:

“Inúmeros são os desafios que permeiam a vida da família contemporânea. Podemos pensar em temáticas como violência intra e extrafamiliar, desemprego, pobreza, drogas e tantas outras situações que atingem dolorosamente a família e desafiam sua capacidade para resistir e encontrar saídas. Por outro lado, as mudanças sociais construídas, em especial, ao longo da segunda metade do último século, têm redefinido progressivamente os laços familiares” (2002: 45).

As situações de pobreza, violência e outras carências, vividas pelas famílias economicamente empobrecidas, não quer dizer que percam sua capacidade de reestabelecer seus laços, ao contrário, permitem que cada vez mais elas se fortaleçam no convívio, pois, continuam a ser referência e lugar de busca de acolhimento e segurança para seus membros. Mesmo diante de acontecimentos de fracassos e conflitos a família continua se reinventando.

Com seus papéis redefinidos e seus valores repensados, ainda é na família que seus membros encontram forças para continuar a luta pela continuidade de sua história.

O que vem chamando atenção atualmente nas famílias atendidas no CSSE, são aquelas chefiadas pelas avós, onde, são elas as responsáveis principalmente pelo sustento e cuidado com as crianças.

2.3. Centro Social Semear e Educar – Crianças e Atividades

A capacidade do Projeto é de atendimento de 15 crianças por turno, totalizando 30 crianças apoiadas. Desde o início do Projeto em 2004 nunca chegamos à capacidade limite, ou seja, 30 crianças. As crianças deixam o Projeto no momento que completam seis anos de idade, porém a cada ano como o vínculo se mantém seguimos fazendo o acompanhamento das crianças que não permanecem no Centro Social.

O fato de seguir-se mantendo o vínculo com a família possibilita a realização do acompanhamento dos encaminhamentos feitos, tais como educação e saúde. Os vínculos estabelecidos possibilitam o retorno da família para fazer a inscrição das demais crianças menores da família.

O desenvolvimento pedagógico das atividades para as crianças sempre leva em conta a faixa etária das mesmas.

Estas são desenvolvidas por uma educadora social com formação em artes e orientadas por uma pedagoga com formação incompleta em psicopedagogia.

A equipe tem o cuidado de observar que as atividades sejam educativas e prazerosas e principalmente que sejam possíveis para as crianças realizá-las em seus lares junto a seus familiares.

As atividades são realizadas - Manhã –09h00min às 11h30min. Tarde – 13h30min às 16h00min.

São elas:

Quadro1 - Programação de atividades

SEGUNDA FEIRA	TERÇA FEIRA	QUARTA FEIRA	QUINTA FEIRA
Rodinha	Rodinha	Rodinha	Rodinha
Folha dirigida	Folha dirigida	Folha dirigida	Folha dirigida
Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
Brinquedos Livres	Parquinho	Brinquedos do baú	Parquinho
Jogos de montar	Leitura de livros Infantis	Jogos de Montar	Leitura de livros Infantis

Fonte: CSSE, 2008

Rodinha – Bate papo inicial com canções que falam de amigos, de saudações, de como está o tempo, dias da semana, por exemplo.

Folha dirigida ou Desenho livre ou Atividade em grupo - Esta atividade visa permitir que as crianças dediquem uma parte do dia para desenvolver uma atividade que pode ser dirigida, livre ou em grupo. Em geral elas desenharam ou pintam com lápis de cor, giz de cera, guache, tinta ou cola colorida. A folha pode ter uma proposta pronta com um tema pré-definido (desenho com motivos da páscoa, natal, juninos), ou um desenho livre após assistirem um DVD ou ouvirem uma história. As atividades podem ser realizadas também com pesquisas de jornais e revistas em seguida as crianças realizam recorte e colagem de figuras com o tema abordado.

Lanche – O lanche é oferecido pela instituição. Busca-se oferecer alimentos saudáveis a fim de criar nas crianças hábitos saudáveis. Uma nutricionista voluntária orienta a alimentação. Evitam-se refrigerantes, biscoitos recheados

assim como alimentos industrializados. Dá-se preferência a frutas, sucos naturais e pães.

Brinquedos livres – Bonecos (as), carrinhos, bolas, jogos de cozinha e outros. As brincadeiras são observadas pelos educadores, buscamos evitar que as crianças reproduzam atitudes sexistas escolhendo os brinquedos que o senso comum determina que seja de meninos ou meninas. As crianças brincam com os brinquedos que mais lhes agradam e algumas vezes brincam em pequenos grupos ou de maneira individual. O brincar possibilita que a criança aprenda desde pequena a respeitar a individualidade de cada um seja em questões de raça, cor, religião e orientação sexual. A idéia é criar situações de resoluções de embates, que envolvam perdas e ganhos respeitando a participação de todos.

Jogos de montar – Nessas atividades utiliza-se lego, jogo da memória, blocos lógicos, quebra cabeça, dominós e demais jogos que tenham como proposta incentivar o raciocínio das crianças, assim como a memorização e coordenação motora.

Leitura de livros infantis – O manuseio de livros infantis faz parte das atividades diárias. Mesmo que as crianças ainda não saibam ler as mesmas são incentivadas a participarem de momentos de leitura. A contação de histórias acontece sempre que se encontra ocasião própria e no mínimo uma vez por semana. Todas as crianças têm acesso fácil à estante de livros.

Brinquedos do baú – Uma vez por semana abre-se o baú para as brincadeiras livres. Além dos brinquedos do cotidiano (vide brinquedos livres) as crianças encontram fantasias e demais roupas. Nesse momento as crianças são incentivadas a criarem seu próprio teatrinho. Os educadores em geral participam como mediadores e algumas vezes outras crianças são incentivadas a dirigirem as “pecinhas”.

Parquinho – Duas vezes por semana as crianças vão ao Parquinho que fica bem próximo a sede do CSSE. O Parquinho é mantido pela Prefeitura do Município do Rio de Janeiro e os equipamentos instalados são adequados a

crianças de até sete anos. Durante as atividades do Parquinho observa-se como as crianças se relacionam entre si e sozinhas. E como cada uma supera seus próprios limites. Algumas vezes leva-se bolas e bambolês para que se possa ampliar as possibilidades de novas brincadeira.

Outras Atividades – Procura-se levar às crianças a lugares que estejam fora da realidade delas com o objetivo de ampliar os seus horizontes culturais. E de se proporcionar momentos de lazer para as crianças longe do ambiente onde vivem. As atividades visam desenvolver questões de cultura e cidadania, direitos e deveres.

Também se celebra o aniversário das crianças convidando seus familiares para participarem, desejando fortalecer o vínculo de confiança entre o CSSE e os familiares das crianças.

As atividades de maneira geral estão inspiradas em Paulo Freire, em experiências de alfabetização⁷ e nos estudos de Emília Ferreiro (psicóloga e pesquisadora argentina) e Ana Teberoski (pedagoga espanhola).

Ferreiro e Teberoski fizeram doutorado na Universidade de Genebra sob orientação de Jean Piaget. Sofreram influência também de Vigotsky, Montessori e Paulo Freire.

O Método de Ferreiro sobre aprendizado para os educandos que ainda não dominam a escrita consta basicamente de quatro níveis de aprendizado: o 1º. Nível, Pré-silábico; o 2º, Silábico; o 3º, Silábico – Alfabético e o 4º, Alfabético. Segundo Emilia Ferreiro, “ler não é decifrar, escrever não é copiar”. Muito antes de iniciar o processo formal de aprendizagem da leitura/escrita, as crianças constroem hipóteses sobre este objeto de conhecimento, a grande maioria delas faz corretamente a distinção entre texto e desenhos, sabendo que o que se pode ler

⁷ Ainda em 2004 no segundo semestre de letivo me escrevi na Disciplina EDU 1730 Tópicos Especiais em Educação: Educação de Jovens e Adultos. Durante a disciplina tivemos acesso aos seguintes conteúdos: O Analfabetismo no Brasil: história e contexto das primeiras ações alfabetizadoras. Educação Popular x Educação de Jovens e Adultos; A contemporaneidade de Paulo Freire, A entrada da PUC-Rio no campo da EJA; Os Sujeitos da EJA; Conceito de Alfabetizado/Analfabeto – Letrado e Iltrado; Alfabetização de Adultos: Elementos para uma Proposta Metodológica, Planejando Aulas de Alfabetização e Noções Sócio-Espaço-Temporais.

é aquilo que contém letras, embora algumas ainda persistam na hipótese de que, tanto se podem ler as letras, quanto os desenhos.

A experiência com as crianças levava-nos, cada dia a buscar mais e mais sobre métodos de aprendizado que valorizassem as experiências trazidas. E mesmo sem estar-se comprometido com a alfabetização podia-se verificar que através de atividades lúdicas e pedagógicas as crianças eram apresentadas ao universo escolar.

Por ser uma experiência nova no bairro e por não ter havido uma consulta prévia na comunidade para saber das necessidades destes o CSSE foi se adequando à medida que a demanda ia surgindo. Como por exemplo, o fato de termos uma procura considerável pelas famílias com crianças com menos de quatro anos, por termos um número considerável de crianças criadas por avós, esse fato possibilitou uma nova abordagem do serviço social.

A mudança da política de atendimento deveria ser repensada a fim de que nossa ação pudesse realmente ser útil e de interesse da comunidade. Começamos a perceber nas famílias atendidas algumas características específicas. Tais como: muitas crianças que tinham na avó materna seu ponto de referência fazendo que logo em 2004 realizássemos um encontro com as avós.

Porém as avós que encontrávamos nada tinham a ver com as avós que muitos de nós estávamos acostumados a ver. Eram todas mulheres jovens que partilhavam com os filhos os cuidados com os netos. Elas eram as responsáveis pelo sustento da casa, se comprometendo com a saúde e educação dos pequenos.

Vejamos o que diz Vitale:

“Cuidar, educar ou ser responsável? Disciplinar, ser companheiro das brincadeiras, contar histórias, oferecer pequenos presentes, passeios, guloseimas, conselhos, ouvir sentimentos, segredos, acolher, suprir algumas necessidades infantis, ajudar a sustentar, transmitir as histórias familiares... Esses e tantos outros aspectos indicam a diversidade de situações que envolvem os avós” (2007:95).

Na maioria das vezes o primeiro contato com o Centro Social era realizado pelas avós das crianças o que nos levava a crer na grande preocupação dessas com seus netos. Muitos relatavam a dificuldade dos filhos em estar presente na vida dos netos, algumas vezes relatava um pouco de falta de paciência entre pais e filhos. Sempre elogiavam bastante a criança revelando com certo brilho no olhar que sua criança era bastante independente e responsável.

As reuniões mensais mantidas com as mães passaram a contar com a presença das avós.

Estas observações são imprescindíveis para pensar a atuação da equipe em relação ao conteúdo pedagógico a ser desenvolvido. Embora não se tivesse como compromisso principal a alfabetização de crianças, o conhecimento das relações familiares e das experiências vivenciadas pelos familiares que vivem ao redor do Centro Social, certamente deveria nortear as ações da equipe.

O método de Paulo Freire nos fazia e faz refletir sobre a relação entre profissionais e usuários. Vejamos o que diz o pedagogo em sua *Pedagogia do Oprimido*:

“A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação” (1987:41).

Pensar a prática profissional a partir do método Paulo Freire nos fez ver o participante como sujeito no processo de busca por uma sociedade mais justa. Percebia-se a cada momento que nossa ação com crianças e famílias deveria privilegiar o conteúdo trazido pelos mesmos quer seja a vivência intra-familiar, quer seja a realidade próxima, por exemplo, das escolas de samba do bairro: o Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro e Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Vila Isabel.

Afinal, a musicalidade faz parte da vida dos moradores do bairro que tem no seu bairro um dos maiores destaques da Música Popular Brasileira Noel Rosa⁸ ficou famoso como sambista por unir o morro ao asfalto.

Vila Isabel traz consigo também a história da fábrica, bem próximo a sede do CSSE fica a Vila Operária. As histórias do bairro e de seus moradores surgiam e surgem nos atendidos da equipe e nas conversas diárias no CSSE.

Isso faz com que mais uma vez se reporte a Paulo Freire:

“Desta maneira, o educador já não é apenas o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo com* as liberdades e não *contra* elas” (1987:68).

A proximidade com a realidade diária dos atendidos auxilia no processo *do estar sendo com* falcitando assim o diálogo, pois o aprendizado do assistente social se dá na prática diária com as experiências com os atendidos.

Mais do que ler a história do bairro, da Fábrica, das Escolas, ouço-as contadas por interlocutores emocionados e orgulhosos de seus conhecimentos apreendidos na vivência diária de seu cotidiano.

Permitir que familiares contem suas histórias com riqueza de detalhes dando a eles o valor que todo ser humano necessita como sujeito ativo no seu processo de amadurecimento e crescimento pessoal, *estar sendo com* liberdade e não *contra* eles (Freire, 1987) tornou-se imprescindível.

É chegada a hora de se retornar as considerações sobre a família e suas respectivas relações, justamente por isso o próximo capítulo versará sobre essa temática.

⁸ Noel Rosa (11/12/1910 – 04/05/1937) – Sambista, cantor e compositor brasileiro.